

A linguagem da força, do heroísmo e do pertencimento: alteridade e construção discursiva do sertanejo em *Os Sertões*

Dulcineia Alves dos Santos* 

Università degli Studi di Genova – Itália

*Correspondência: dulcineia.alvesdossantos@edu.unige.it

RESUMO

Este artigo propõe uma análise linguística e estilística de *Os Sertões*, de Euclides da Cunha, publicado em 1902, com o objetivo de investigar como as escolhas lexicais e as estruturas metafóricas contribuem para a construção da alteridade do sertanejo no imaginário nacional brasileiro. Partindo do pressuposto de que a linguagem não exerce função meramente descritiva, mas opera como dispositivo de produção de sentido, o estudo examina os mecanismos discursivos que configuram o sertanejo como figura simultaneamente marginal e constitutiva do projeto de nação. A análise organiza-se em torno de três eixos temáticos: (i) a linguagem da força, que associa o sertanejo às condições extremas do sertão; (ii) a linguagem do heroísmo, que o projeta em uma dimensão épica; (iii) a linguagem do pertencimento, que o integra à paisagem natural. Esses campos semânticos são interpretados como práticas de nomeação e classificação que produzem uma representação complexa do sertanejo, na qual o determinismo ambiental convive com um processo de mitificação literária. Nesse sentido, a alteridade se apresenta como construção discursiva estruturada pelo próprio funcionamento do léxico e pelas redes metafóricas que organizam o texto. Inserido no campo dos estudos literários e culturais, o trabalho adota uma perspectiva interdisciplinar que articula estilística, teoria da metáfora conceitual e análise lexical, buscando mostrar como a linguagem contribui para a consolidação de um modelo cultural de longa duração no imaginário nacional brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE:

Euclides da Cunha
Sertão
Imaginário nacional
brasileiro
Metáfora conceitual
Análise lexical
Estilística

SUBMETIDO: 7 de março de 2026 | **ACEITO:** 23 de abril de 2026 | **PUBLICADO:** 31 de julho de 2026
© fólio – revista de letras 2026. Licença/Licence: [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

Introdução

Publicado em 1902, *Os Sertões* tornou-se uma das obras fundadoras do imaginário nacional sobre o sertão nordestino e sua população. A narrativa da Guerra de

Canudos, construída a partir das anotações e observações realizadas por Euclides da Cunha em sua incursão pelo interior da Bahia, converteu-se em matriz de referência para a leitura de um dos episódios mais trágicos da história do Brasil.

Mais do que relatar um conflito, Euclides elabora, sobretudo na parte intitulada *O Homem*, uma figura simbólica: o sertanejo como encarnação de força, resistência e tenacidade. Essa figura, contudo, não se define apenas por traços descritivos: ela é construída discursivamente por meio de escolhas lexicais, adjetivação intensiva, metáforas e expressões recorrentes que orientam a leitura e estabilizam um modo específico de concebê-la.

A hipótese central deste artigo é que a linguagem de *Os Sertões* não apenas representa o sertanejo, mas o institui como uma forma de alteridade interna: um *outro* situado dentro da nação, simultaneamente distante, marginalizado e heroizado. Nesse sentido, ao passo que a obra o eleva à condição de paradigma de resistência, simultaneamente o inscreve como figura periférica do eixo urbano-moderno que estrutura o projeto republicano. A linguagem opera, portanto, como dispositivo de produção simbólica de pertencimentos e hierarquias, isto é, não apenas descreve a realidade, mas produz efeitos sociais.

Partindo dessa perspectiva, examina-se como o léxico empregado pelo autor participa na construção de uma imagem sertaneja e das concepções que dela emergem. O estudo concentra-se na seleção lexical e no funcionamento das metáforas, privilegiando três campos semânticos: força, heroísmo e pertencimento.

Essa abordagem apoia-se na concepção de metáfora desenvolvida por Lakoff e Johnson (1980), segundo a qual as metáforas não constituem apenas recursos da “imaginação poética”, mas mecanismos cognitivos fundamentais que estruturam a forma como os sujeitos compreendem, organizam e interpretam a realidade (Lakoff; Johnson, 1980, p.39). Nesse sentido, as imagens recorrentes utilizadas por Euclides da Cunha não apenas embelezam a descrição do sertanejo, mas participam ativamente da construção conceitual dessa figura, orientando a leitura e moldando sua significação simbólica. Desse modo, expressões como “o forte”, “organismo potente” e “batalhador perenemente combalido e exausto, perenemente audacioso e forte” (Cunha, 2015) sugerem que o sertanejo se torna forte porque sofre e resiste continuamente às duras condições em que vive. Ao mesmo tempo, metáforas que o aproximam de

figuras míticas e de imagens híbridas entre homem, animal e paisagem ampliam essa figura para o plano do extraordinário.

Conforme amplamente reconhecido pela crítica, *Os Sertões* estrutura-se a partir de um equilíbrio tenso entre literatura, história e ciência. Nesse entrecruzamento de saberes, a análise de seu léxico evidencia a construção de uma figura híbrida – simultaneamente primitiva e heroica, rude e altiva – moldada pelo clima e, paradoxalmente, por ele engrandecida. Tal construção resulta na produção de uma representação do *outro* no imaginário nacional brasileiro. À luz dessas considerações, a análise de campos semânticos específicos revela que essa elaboração linguística projeta uma alteridade interna à nação em que o sertanejo configura-se como o avesso da modernidade republicana.

Estilística e metáfora na construção discursiva do sertanejo

Este artigo insere-se no campo dos estudos literários com interface estilístico-discursiva e investiga de que modo a linguagem em *Os Sertões* constrói simbolicamente a figura do sertanejo por meio do exame de escolhas lexicais e metáforas, articulando procedimentos textuais ao contexto intelectual de produção da obra.

O ponto de partida é a estilística, entendida como estudo do valor expressivo dos fenômenos linguísticos. Para Bally (1950), o sentido das palavras não se esgota no conteúdo intelectual, mas inclui uma dimensão afetiva e avaliativa que orienta a percepção do leitor. Nesse quadro, a adjetivação euclidiana – intensa e reiterada – atua menos como descrição neutra e mais como marca de valoração, contribuindo para configurar um tipo humano particular – forte, rude, tenaz – e para estabilizar uma imagem simbólica.

Essa perspectiva aproxima-se das reflexões de Antonio Candido (2007), para quem a personagem é efeito de organização verbal no interior da obra. Para o crítico, a impressão de verdade que a personagem suscita não decorre da simples fidelidade ao real empírico, mas da coerência construída pela articulação dos elementos narrativos, capaz de produzir no leitor um sentimento de realidade (Candido, 2007). Assim, a adjetivação na obra euclidiana pode ser entendida como procedimento estruturador que consolida discursivamente a figura do sertanejo e sustenta sua verossimilhança.

Se a personagem é efeito de organização verbal, é importante examinar os recursos específicos por meio dos quais essa elaboração se realiza. Entre tais recursos, destaca-se a metáfora, que desempenha papel central na configuração simbólica do sertanejo. Na tradição estilística, a metáfora é compreendida como desvio da significação própria de uma palavra (Cegalla, 2010, p.614). Nesse processo, um termo é empregado fora de seu sentido literal para designar outro com base numa relação de semelhança, produzindo condensação e deslocamento de sentido. Tal definição enfatiza o funcionamento semântico da metáfora como mecanismo de substituição expressiva.

Em Lakoff e Johnson (1980), as metáforas organizam sistemas conceituais pelos quais os sujeitos interpretam a experiência. Assim, não apenas as imagens naturais – seca, solo, paisagem – mas também aquelas oriundas da mitologia – Titã, Hércules – organizam a percepção do sertanejo segundo um modelo de força, resistência e heroísmo. Desse ponto de vista, a figura sertaneja emerge como efeito de um projeto discursivo no qual ciência, literatura e ideologia se entrelaçam na construção de uma figura de resistência no imaginário nacional.

Por fim, a análise alinha-se às reflexões de Trabant (2021) ao tomar a linguagem como objeto de conhecimento. Sob essa perspectiva, ao adotar como foco os procedimentos lexicais e figurativos mobilizados por Euclides, busca-se compreender como tais procedimentos produzem efeitos de sentido para a consolidação dessa representação literária e para sua circulação no imaginário social.

A construção discursiva do sertanejo pode ser compreendida também como construção da alteridade. Conforme observa Tzvetan Todorov (1982), ao analisar o encontro entre europeus e indígenas americanos, o *outro* frequentemente não é reconhecido em sua diferença própria, mas interpretado a partir de categorias previamente constituídas pelo sujeito que o observa. Nesse sentido, ao representar o homem do sertão como produto do meio, Euclides da Cunha não apenas o descreve, mas o enquadra em um horizonte de compreensão próprio do projeto moderno e urbano da República. O sertanejo emerge, assim, como *outro interno* da nação: pertence ao território brasileiro, mas é simbolicamente posicionado à margem do horizonte civilizatório.

Léxico e figuração do sertanejo

A linguagem da força

A construção do sertão como fundamento da identidade do sertanejo corresponde ao que Nicolau Sevcenko define como a capacidade de Euclides da Cunha de “espacializar a história” e “historicizar o espaço” (Sevcenko, 2002, p.33). O território deixa de ser mero cenário e passa a funcionar como elemento ativo na constituição física, moral e histórica do sertanejo. Pode-se afirmar que antes de caracterizar o sertanejo, Euclides prepara o terreno simbólico, construindo linguisticamente o meio em que ele vive. A descrição do território – formação geológica, aridez extrema, vegetação composta por arbustos e cactos típicos da caatinga – ocupa parte essencial das seções iniciais da obra e não cumpre apenas função geográfica, mas também argumentativa. Ao definir o sertão como espaço hostil e singular, o autor estabelece as condições que posteriormente justificarão a força, a dureza e a resistência de um tipo humano moldado pelas adversidades do meio em que nasceu e com o qual mantém uma relação profunda de pertencimento e enraizamento. Dessa forma, a construção dessa figura humana depende, desde o início, da seleção lexical da terra e do ambiente que a molda.

É sabido que a representação do sertanejo euclidiano combina discurso científico e observação etnográfica. Tal procedimento se insere no projeto da intelectualidade republicana de interpretar o país por meio de categorias científicas e culturais e no pensamento determinista do final do século XIX, que concebia o homem como sujeito condicionado pelo meio. Nesse sentido, Sevcenko destaca que a obra de Euclides da Cunha se forma em estreita relação com paradigmas científicos e intelectuais dominantes de seu tempo e só pode ser plenamente compreendida à luz do contexto cultural do século XIX (Sevcenko, 2002, p.33). De um modo geral, a imagem física do sertanejo aparece primeiramente de modo fragmentado no capítulo *A Terra*, mas se consolida sistematicamente em *O Homem*. Sua construção é feita a partir da ideia de força: biológica, moral e de sobrevivência, sintetizada pela frase “O sertanejo é, antes de tudo, um forte” (Cunha, 2015, p.153) que funciona como marca identitária e eixo interpretativo da observação concreta e direta do autor.

Quando Euclides escreve que o sertanejo é “um tipo fisicamente constituído e forte” (Cunha, 2015, p.78), articula a tese de que, embora viva em condições extremas, esse homem configura um tipo humano extraordinariamente resistente. O ambiente hostil de clima árido age como um selecionador natural, forjando um corpo apto à sobrevivência e, mais tarde, à guerra. Nesse sentido, a força física do sertanejo não é tratada como atributo individual, mas como elemento de um processo histórico e ambiental que define sua existência e explica sua resistência. É a aplicação direta da lógica determinista: o meio cria o homem, e, num cenário extremo, apenas o forte subsiste.

Em *Os Sertões*, o meio natural, o clima e o processo histórico são figurados como instâncias agentes na constituição do sertanejo. Com isso, Euclides trata o meio, o processo histórico e a seleção natural como entidades agentes, das quais o corpo do sertanejo resulta como um produto forjado. Do ponto de vista teórico, esse procedimento pode ser compreendido à luz das metáforas ontológicas. Conforme Lakoff e Johnson (1980), as metáforas ontológicas permitem compreender experiências abstratas “en términos de objetos y sustancias”, possibilitando tratá-las como “entidades discretas” sobre as quais se pode raciocinar (Lakoff; Johnson, 1980, p.63). É esse mecanismo que sustenta o discurso determinista de Euclides, ao converter o meio natural em um agente formador do tipo sertanejo, naturalizando sua resistência como efeito necessário das condições ambientais. Ao empregar expressões como “organismo potente”, “energias adormecidas” e “potência latente” (Cunha, 2015), o autor naturaliza a resistência como propriedade material do sujeito e reforça a percepção do sertanejo como corpo biológico moldado por forças naturais. Tal perspectiva torna-se ainda mais explícita quando Euclides afirma:

O sertanejo, tomando em larga escala, do selvagem, a intimidade com o meio físico, que ao invés de deprimir enrija o seu organismo potente [...] (Cunha, 2015, p.78).

Nesse trecho, o autor explica a resistência do sertanejo em um meio hostil que atua como fator de seleção e fortalecimento, produzindo um tipo humano robusto. Se “organismo potente” carrega o valor biológico de corpo enquanto estrutura adaptada, “potência latente” indica o vigor, a prontidão para a ação como características do sertanejo. Vale ressaltar, contudo, que embora esse tipo

humano seja descrito também como “homem permanentemente fatigado” (Cunha, 2015, p.79), ele concentra uma força oculta que só emerge em situações extremas. Não é apenas vigor físico, mas energia vital acumulada, capaz de se liberar de forma explosiva.

Com relação ao cansaço, eis o que descreve Euclides:

Nada é mais surpreendedor do que vê-lo desaparecer de improviso [...] Basta o aparecimento de qualquer incidente exigindo-lhe o desencadear das energias adormecidas. (Cunha, 2015, p.79.)

A potência também se manifesta como capacidade de suportaço: seca, fome e abandono do Estado. Nesse quadro, o sertanejo é apresentado como um corpo preparado para a guerra, um combatente nato moldado pelo ambiente extremo. A metáfora física ganha nitidez em imagens como “titã acobreado” e “potente e perenemente audacioso e forte”, o que configura um corpo moldado pelo meio e dotado de energia suficiente para manifestar-se plenamente em situações extremas. É exatamente dessa potência, construída ao longo da obra como traço constitutivo que emerge a figura do jagunço, não como um tipo humano distinto, mas como o próprio sertanejo convertido em combatente pela experiência histórica da guerra. Sob essa perspectiva, o jagunço representa a atualização bélica da força sertaneja, isto é, a passagem do corpo resistente moldado pelo meio ao corpo armado que enfrenta o Estado republicano.

Essa transformação simbólica, entretanto, não se limita ao plano literário, mas projeta-se também no plano da circulação social da linguagem. Como observa Calasans (1970), o termo *jagunço* era praticamente desconhecido fora das regiões sertanejas até o final do século XIX, adquirindo projeção nacional sobretudo por meio de sua circulação reiterada na imprensa durante a Guerra de Canudos. A partir desse momento, a palavra se fixa no imaginário brasileiro como nome próprio do sertanejo em guerra, cristalizando linguisticamente uma figura que Euclides já havia construído simbolicamente como síntese de resistência física, adaptação ao meio e violência defensiva.

Em síntese, a linguagem da força utilizada por Euclides serve para caracterizar o sertanejo como produto direto do sertão: um corpo endurecido e carregado de energia latente, dotado de potência excepcional em situações extremas. Um verdadeiro paradigma corporal da resistência. Desse modo,

Euclides articula plenamente o enunciado central da antropologia euclidiana: "O sertanejo é, antes de tudo, um forte". Essa construção se intensifica em expressões como "rosto bronzeado e duro" e "dorso de atleta, encourado e rude" (Cunha, 2015, p.153), o que amplia a percepção de robustez e revela a potência oculta sob uma aparência inicialmente frágil. A dureza é marca do meio e marca deste homem. Além disso, essa representação da força sertaneja também se constitui no modo como a linguagem é mobilizada para produzi-la, gerando uma dominante afetiva de admiração. Tal procedimento confirma a perspectiva estilística formulada por Bally (1950, p.154), segundo a qual a linguagem não se reduz à comunicação objetiva de conteúdos, mas mobiliza uma dimensão expressiva capaz de orientar não apenas a percepção, mas também a interpretação do leitor. Os termos não apenas descrevem, eles avaliam, constroem valor moral e heroico.

A linguagem do heroísmo

Se a força física sustenta a sobrevivência, é por meio das metáforas que Euclides transforma o sertanejo em herói. Como explicam Lakoff e Johnson, as metáforas não exercem função meramente decorativa, elas fazem parte do sistema mental com o qual pensamos e entendemos o mundo (Lakoff; Johnson, 1980, p.39).

Ao associar o sertanejo a titãs, heróis e gigantes mitológicos, o autor não produz apenas imagens isoladas, mas ativa um modelo cognitivo coerente, no qual a sobrevivência no sertão é compreendida como combate permanente e o homem como entidade heroica constituída e moldada pelas adversidades.

Essa forma de heroização do homem por meio de metáforas não constitui procedimento exclusivo de *Os Sertões*. Na historiografia e na tradição literária nacionais, o bandeirante é frequentemente representado como desbravador incansável, dotado de coragem excepcional e vigor quase sobre-humano. Essa representação acaba por transformar um fato histórico – a expansão territorial brasileira – em façanha mítica e eleva o indivíduo concreto e real à condição de herói fundador. Essa mesma perspectiva é amplamente desenvolvida por Afonso d'Escragnoille Taunay (1924) ao comparar antigos paulistas à uma "raça de gigantes", cujas jornadas intermináveis pelos sertões assumiriam dimensão extraordinária e quase sobre-humana (Taunay, 1924, p.11).

De modo análogo, na literatura regionalista brasileira o vaqueiro nordestino é construído como figura de resistência extrema ao meio hostil e cuja identidade se forma na vida austera do sertão e na coragem silenciosa diante da violência da natureza. No romance *O Sertanejo* (Alencar, 1875) o autor descreve esse tipo humano como “destemido vaqueiro cearense” cuja força é hiperbolizada a ponto de ser desenhado como indivíduo capaz de derrubar um touro “com dois dedos” (Alencar, 1875, p.3-7), o que o projeta para além do humano e lhe confere traços de uma figura mítica ou heroica. A força do vaqueiro alencariano é apresentada como algo excepcional – físico adaptado ao sertão hostil – e quase mítica – ele realiza feitos extraordinários sem buscar glória pública. Isso o conceitua quase como uma figura heroica silenciosa. Trata-se, portanto, de uma tradição brasileira de heroização do homem rústico, na qual figuras historicamente marginalizadas são elevadas, pela linguagem literária, à condição de emblemas de resistência e grandeza moral. Essa construção discursiva, ao singularizar e engrandecer tais figuras, também as apresenta como tipos históricos marcados pela diferença, reforçando uma forma de alteridade que as distingue dentro da própria narrativa.

Paralelamente, em *Os Sertões*, imagens aproximam o sertanejo a figuras míticas construindo-o com um corpo excepcional em comparações que o fundem ao cavalo e à paisagem, elevando-o ao plano do extraordinário. Nelas, o sertanejo é ampliado ao mítico, como se fosse necessário recorrer ao universo da epopeia para nomear sua resistência. É, verdadeiramente, um herói sem epopeia oficial, mas com linguagem épica. Sob esse prisma, em ambos os casos – vaqueiro alencariano e sertanejo euclidiano – a linguagem atua como instrumento de criação simbólica de uma figura do sertão.

A construção do sertanejo euclidiano apoia-se, portanto, em um léxico de heroísmo que ultrapassa a descrição física e transforma o habitante do sertão em uma figura épica. Um dos principais recursos para essa construção é o uso de metáforas mitológicas. Euclides descreve a súbita transformação do sertanejo, em situações de perigo, como um gigante heroico:

da figura vulgar do tabaréu canhestro, reponta, inesperadamente, o aspecto dominador de um titã acobreado e potente (Cunha, 2015, p.80).

A imagem do titã não é casual. Ela evoca seres primordiais dotados de força física e ligação direta com os elementos da natureza. Desse modo, o texto conecta o homem do sertão a uma força arcaica e super-humana. O sertanejo, nessa perspectiva, adquire status de personagem da mitologia, capaz de mobilizar energias ocultas e excepcionais. Além disso, a relação com a terra reforça esse heroísmo arcaico.

Essa rede de imagens configura o que Lakoff e Johnson (1980) denominam metáfora estrutural, isto é, a experiência histórica do sertão passa a ser interpretada pelo domínio do mito heroico, organizando a representação do sertanejo segundo os moldes da epopeia. Assim, o sertanejo não é apenas comparado a um herói, mas concebido cognitivamente segundo as categorias do heroísmo épico, que organizam e estruturam a sua representação.

Especificamente, em um sistema coerente de imagens – sertanejo-titã; sertanejo-Hércules; sertanejo fundido ao cavalo; sertanejo ligado aos elementos naturais; sertanejo dotado de força sobre-humana – Euclides cria uma estrutura conceitual relativamente estável: o sertanejo é um herói épico. Desse modo, o autor recorre a um sistema conceitual – a epopeia – para compreender a realidade social do sertão, por meio da metáfora estrutural. As imagens mitológicas não são apenas ornamentais, mas organizam profundamente a forma como o personagem é concebido ao longo da obra.

Em outro momento, o autor recorre à comparação com a figura mitológica de Anteu, um gigante invencível que retirava sua força do contato direto com o solo:

A natureza toda protege o sertanejo. Talha-o como Anteu, indomável. É um titã bronzeado fazendo vacilar a marcha dos exércitos. (Cunha, 2015, p.154.)

A metáfora evidencia que seu heroísmo é uma força natural, inseparável do meio. Ele é forte porque é filho da terra; é invencível porque está enraizado no sertão e o jagunço intensifica essa dimensão épica. Ele é descrito como alguém cuja força não é teatral, mas efetiva: “O jagunço é menos teatralmente heróico; é mais tenaz; é mais resistente; é mais perigoso; é mais forte; é mais duro.” (Cunha, 2015, p.83). A repetição do advérbio de intensidade *mais* produz, neste trecho, um efeito cumulativo que eleva progressivamente o jagunço a um patamar de superioridade física e moral em relação a outros tipos humanos. A

recusa do “teatralmente heróico” reforça sua autenticidade, ou seja, o heroísmo do sertanejo não é ornamentado, mas brutal e intencional. Ele é herói não porque exhibe gestos nobres, mas porque resiste e luta, enfrenta e combate sem se render.

Em personagens específicos, como Pajeú, mestiço típico sertanejo, Euclides explicita esse mesmo modelo heroico: “ingênuo, feroz e destemeroso [...] valente por instinto, herói sem o saber” (Cunha, 2015, p.173). Como síntese dessa épica, o sertanejo é a personagem que atua por instinto e guiada pela necessidade, não pela retórica do heroísmo. A ele o autor atribui uma “bravura inextinguível e ferocidade rara” e de “temperamento impulsivo” aproximando-o a um guerreiro primitivo e novamente evocando uma figura épica. Ao mesmo tempo, avizinha-o a uma espécie primitiva, “um belo caso de retroatividade atávica, forma retardatária de troglodita sanhudo” (Cunha, 2015, p.173).

Por fim, episódios como o da humilhante derrota e consequente retirada das tropas governamentais em Canudos – o que revelou concretamente a dureza do sertão e o erro estratégico do Estado brasileiro em subestimar os sertanejos – nos mostra o heroísmo coletivo dos sertanejos que marcham e lutam em condições extremas, num quadro que Euclides descreve como “uma luta sem vitórias em que, entretanto, o vencido vence” (Cunha, 2015, p.173). A fórmula resume a épica trágica do sertão: o herói não vence a batalha exterior, mas vence ao persistir e ao avançar, apesar da derrota.

É dessa forma que a linguagem empregada por Euclides constrói um sertanejo épico, não romântico. O heroísmo não decorre de feitos extraordinários, mas da resistência cotidiana e das respostas violentas que emergem quando o meio – duro, imprevisível e hostil – o convoca. O sertanejo é elevado, portanto, à condição de figura épica por meio de metáforas mitológicas, adjetivos de grandeza e descrições de bravura tenaz, compondo um retrato que combina força física, vigor moral e grandeza arcaica. Sob esse prisma, a figura épica do sertanejo não apenas dialoga com modelos nacionais de heroização, como o bandeirante e o vaqueiro, mas projeta-se também para uma tradição épica mais ampla, de matriz clássica. Num horizonte comparativo, a estratégia de amplificação mítica aproxima-se do procedimento épico visto em *Os Lusíadas*, de Camões (1571), onde o desconhecido se converte em figura monstruosa para

tornar a experiência histórica legível como prova heroica. Nesse poema, a identidade do herói marítimo define-se pela resistência às intempéries e ao desconhecido, e é moldada pela experiência extrema da travessia marítima. Essa elevação simbólica atinge seu ápice no episódio de Adamastor¹, no qual o Cabo das Tormentas é figurado como gigante mítico, transformando a navegação em prova épica. Adamastor encarna o maior obstáculo externo – o desconhecido natural – enquanto o sertanejo-titã representa o obstáculo interno do país – a luta contra um meio hostil e uma história de exclusão. Nesse sentido, Euclides reinscreve, em chave moderna e social, um procedimento épico análogo ao de Camões. Se *Os Lusíadas* constrói o herói da nação pelo enfrentamento do monstro, *Os Sertões* constrói o herói anônimo por meio da linguagem épica aplicada ao homem comum. Paradoxalmente, porém, essa heroização também evidencia a posição ambígua do sertanejo no imaginário nacional, pois ao mesmo tempo que é elevado à dignidade épica, ele é figurado como uma alteridade interna, cuja existência marca os limites do projeto de modernidade.

De todo modo, em ambos os casos, o imaginário mítico opera como instrumento de amplificação simbólica da experiência histórica extrema: Camões converte o medo do desconhecido em figura monstruosa para exaltar a expansão marítima; Euclides da Cunha converte o sertanejo em titã para engrandecer a resistência humana no sertão. Assim, a metáfora mitológica torna visível o extraordinário contido na experiência histórica e social.

A linguagem do pertencimento

Outro eixo importante aproxima o sertanejo da paisagem em uma linguagem que reforça a ideia de que ele é inseparável da terra: o sertão como “geografia vivente”. A construção discursiva do sertanejo no texto euclidiano atinge um de seus pontos mais expressivos quando o escritor o descreve como um prolongamento da terra, um ser quase gerado pela paisagem seca.

Essa fusão entre homem e espaço também pode ser interpretada como resultado de uma metáfora conceitual na qual o ambiente funciona como princípio organizador da identidade. Esse procedimento é associado por Lakoff e Johnson (1980) às metáforas ontológicas e espaciais, que convertem o espaço

¹ Camões, Luís de. *Os Lusíadas*. Canto V, Estrofe 50.

em matriz de pertencimento e constituição identitária.

Embora o sertanejo seja uma entidade concreta, a metáfora ontológica não recai sobre ele, mas sobre a relação que se estabelece entre o homem e o meio que o circunda. Conceitos abstratos de adaptação, determinismo ambiental e relação homem-meio passam a ser concebidos como uma continuidade material entre corpo e paisagem. Assim, o concreto funciona como veículo para a reificação de processos sociais e geográficos. A linguagem de Euclides, marcada por metáforas de simbiose, faz do sertanejo não apenas um habitante do meio, mas um corpo que compartilha da mesma origem, das mesmas provas e das mesmas transformações. Remarca Euclides: “Perfeita tradução moral dos agentes físicos da sua terra” (Cunha, 2015, p.82). Aqui, o autor condensa esse procedimento: o sertanejo encarna moralmente aquilo que o meio representa no plano material – dureza e resistência – ligando sua identidade ao próprio ambiente. Nesta passagem o sertanejo personifica o meio físico – solo, clima, aridez – e ao mesmo tempo, encarna moralmente aquilo que os agentes físicos representam no plano material. Trata-se, portanto, de uma analogia: da mesma forma que a energia, o impacto ou a pressão atuam concretamente sobre os corpos, tais fenômenos físicos servem de modelo para pensar a formação moral e psicológica do indivíduo.

O trecho mais significativo dessa fusão de indivíduo como parte da terra emerge quando Euclides descreve a intimidade do homem com as plantas e com o espaço físico:

Cercam-lhe relações antigas. Todas aquelas árvores são para ele velhas companheiras. Conhece-as todas. Nasceram juntos; cresceram irmãmente; cresceram através das mesmas dificuldades, lutando com as mesmas agruras, sócios dos mesmos dias remansados. (Cunha, 2015, p.154.)

Aqui, o vínculo entre sertanejo e meio não é apenas geográfico. É quase biológico. Os verbos nascer e crescer, usados tanto em relação ao homem quanto às árvores, inserem o sertanejo na temporalidade da terra. Ele não vive no sertão. Ele é o sertão. Esse paralelismo lexical dissolve a fronteira entre organismo humano e organismo natural. Efetivamente, notamos que esse movimento se materializa quando a ideia de pertencimento é reforçada pela própria escolha lexical no capítulo *A Terra* quando da altíssima frequência do termo *sertão*,

repetido de modo recorrente, como se o autor precisasse fixar linguisticamente o espaço responsável por moldar o homem. Assim, desde as seções iniciais, a linguagem geográfica já orienta a leitura, reforçando que o sertanejo é concebido como produto e extensão de um ambiente extremo.

Outro momento essencial ocorre quando Euclides descreve o sertanejo caminhando sem medo pela terra devastada:

Então – nas quadras indecisas entre a “seca” e o “verde”, quando se topam os últimos fios de água no lodo das ipueiras [...], e o forasteiro se assusta e foge ante o flagelo iminente, aquele segue feliz nas travessias longas, pelos desvios das veredas, firme na rota como quem conhece a palmo todos os recantos do imenso lar sem teto. (Cunha, 2015, p.154.)

A expressão “lar sem teto” é decisiva, pois transforma todo o sertão em abrigo do sertanejo. O espaço não é hostil nem exterior. É mais do que casa. É sua morada natural. A intimidade com o terreno ressaltada em “conhece a palmo” reforça a ideia de pertencimento orgânico. Pertencimento esse que aparece também na descrição do corpo sertanejo e o seu modo de andar semelhante ao desenho das trilhas do sertão:

Avança celeremente, num bambolear característico, de que parecem ser o traço geométrico os meandros das trilhas sertanejas. (Cunha, 2015, p.79.)

Aqui, ele é um produto do meio, não um elemento estranho a ele; ele não apenas habita o sertão, ele é o resultado físico desse meio. O sertanejo espelha a natureza, ele repete seus ritmos e suas bruscas transformações. A linguagem euclidiana sugere que a psicologia dessa figura é um espelho do clima e da geografia.

Além disso, o pertencimento natural é também enfatizado na forma como o sertanejo extrai os recursos vitais do ambiente que o circunda:

O umbu desaltera-o e dá-lhe sombra escassa das derradeiras folhas; o araticum, o ouricuri virente [...] alimentam-no a faltar; [...] as palmatórias [...] sustentam-lhe o cavalo; [...] os caroás fibrosos fazem-se cordas flexíveis e resistentes... (Cunha, 2015, p.154.)

Essas enumerações funcionam como catálogo ecológico e, ao mesmo tempo, como mapa afetivo. Cada planta lhe é íntima e familiar e, ao seu tempo, corresponde a uma função vital. A paisagem é extensão do corpo sertanejo. Ela alimenta-o, arma-o, veste-o. Existe aqui uma interdependência

entre natureza e homem.

Como se pode observar, procedimentos linguísticos de escolha lexical que privilegiam o uso de metáforas de simbiose, permitiram a Euclides da Cunha construir o sertanejo como extensão viva da terra nordestina. E é exatamente na linguagem que o autor encena essa fusão, na qual o sertão se humaniza e o sertanejo se naturaliza. O resultado dessa simbiose é um personagem cuja identidade deriva diretamente do ambiente, reafirmando a lógica determinista que atravessa toda a obra.

Essa construção, ao fundir homem e paisagem, não apenas o integra ao espaço, mas também o distancia simbolicamente de qualquer parâmetro exterior. Ao ser definido como extensão da terra, o sertanejo é inscrito numa condição de alteridade radical: torna-se *outro* em relação ao Brasil urbano e civilizado, marcado por uma diferença que não é apenas cultural, mas quase ontológica. Assim, a mesma linguagem que o enraíza no sertão também o separa, convertendo-o em alteridade situada na fronteira entre natureza e sociedade.

Síntese da análise: heroísmo, pertencimento e alteridade

As dimensões discursivas analisadas – força, heroísmo e pertencimento ao meio – revelam que o sertanejo euclidiano é uma figura construída pela sobreposição de registros discursivos distintos. O autor mobiliza palavras que funcionam como lentes interpretativas: cada campo lexical ilumina um aspecto da personagem e, ao mesmo tempo, limita ou orienta sua leitura. Assim, o sertanejo não emerge como indivíduo propriamente observado, mas como resultado de um processo de elaboração simbólica que o posiciona simultaneamente como figura representativa do país e como alteridade interna ao projeto de nação que se consolidava na virada republicana.

O vocabulário da força produz uma imagem corporal marcada pela resistência extrema. A força não é simples atributo físico; ela é explicada pela ação seletiva do sertão, que endurece o corpo e define as possibilidades de vida e ação do sertanejo. O corpo é argumento: através dele Euclides fundamenta a ideia de que apenas um tipo humano excepcionalmente adaptado poderia sobreviver naquele ambiente.

O léxico do heroísmo, por sua vez, transcende o corpo e projeta o sertanejo

para o domínio do épico. Termos como “titã”, “Hércules” e “Anteu” acrescentam à resistência física uma dimensão de grandeza épica. Não celebratória, mas trágica. O homem do sertão é “perenemente combalido e exausto”, e, mesmo assim, “perenemente audacioso e forte” (Cunha, 2015, p.82). Ele é herói porque resiste, e não porque vence. A linguagem épica, portanto, atribui um valor simbólico à própria sobrevivência. Sobrevivência essa que no sertão assume a forma de façanha cotidiana e heroísmo diário.

Já o vocabulário do pertencimento ao meio reforça a fusão simbiótica entre o homem e a paisagem. Expressões relacionadas à origem comum, à familiaridade prolongada com o meio e à ideia de morada desprovida de abrigo transformam o sertanejo em continuação da terra, em extensão viva do ambiente árido. Aqui, opera-se um movimento duplo, naturalizando o homem e humanizando o ambiente que o rodeia. Ao descrever o sertanejo como aquele que conhece o espaço como o palmo de sua própria mão e se alimenta da própria vegetação da caatinga, a linguagem consolida a imagem de um sujeito que não apenas vive na terra, mas se constitui a partir dela.

Dessa articulação resulta uma representação híbrida e paradoxal, pois o sertanejo é construído discursivamente como figura heroica e excepcional e como sujeito condicionado pelas determinações do meio em que vive. Ele é simultaneamente exaltado e explicado como produto do ambiente. Ele é figura primitiva e, ao mesmo tempo, personagem de grandeza épica; é limitado pelas condições materiais e, contraditoriamente, engrandecido por elas. Essa representação híbrida funciona também como um paradoxo central para compreender o funcionamento da sua marginalização dentro do próprio país, pois a linguagem que o engrandece o fixa simultaneamente como figura excepcional e como alteridade interna da nação. Ao mesmo tempo em que o eleva à dignidade épica, o discurso o posiciona nas fronteiras simbólicas do projeto moderno e republicano, fazendo do sertanejo não apenas um herói da sobrevivência, mas também o outro através do qual a própria ideia de Brasil se define.

Considerações finais

A leitura proposta revela que a figura do sertanejo em *Os Sertões* não se reduz a um registro descritivo, mas resulta de uma operação discursiva que seleciona,

intensifica e organiza sentidos. Léxico e metáforas não apenas representam um tipo humano, mas funcionam como matriz interpretativa que torna inteligível uma experiência histórica e social, convertendo-a em forma literária e estabilizando uma representação com ampla circulação cultural. Nessa perspectiva, a construção do sertanejo é, antes de tudo, um processo de significação.

Para compreender os mecanismos linguísticos que sustentam esse processo, recorreu-se a aportes teóricos que sugerem o papel estruturante da linguagem. À luz de Bally (1950), a adjetivação e a valoração não constituem meros acessórios estilísticos, mas dispositivos que orientam o julgamento do leitor e produzem uma interpretação expressiva. Em diálogo com Candido (2007), essa organização verbal sustenta a consistência de uma personagem coletiva. Já conforme Lakoff e Johnson (1980), as metáforas atuam como estruturas cognitivas que estabilizam determinada concepção do sertanejo, articulando-o a modelos de força e resistência e vinculando-o organicamente ao meio.

Os efeitos dessa engrenagem discursiva tornam-se visíveis na própria configuração da identidade do personagem. Seu pertencimento orgânico reforça a separação simbólica: é de dentro, mas não é urbano; pertence à nação, mas é mantido à margem. O sertanejo surge, assim, como alteridade interna da República – marginalizado, mas fundador; vencido, mas heroico; primitivo, mas essencial. A linguagem da obra revela como a literatura participa ativamente da construção simbólica das diferenças que estruturam a nação.

Não é casual que Euclides da Cunha tenha sido descrito como “um artífice da linguagem” (Ventura, 1997), em razão do rigor técnico de sua escrita. O heroísmo presente em sua epopeia trágica do sertão não reside apenas nos acontecimentos narrados, mas sobretudo na forma como são linguisticamente construídos. É essa arquitetura verbal que converte a experiência histórica em figura simbólica e eleva o sertanejo à condição de personagem épico-coletiva.

A linguagem euclidiana incorpora e atualiza paradigmas intelectuais de seu tempo, participando da elaboração de uma figura-síntese do imaginário nacional brasileiro. A palavra, nesse contexto, produz realidade simbólica com efeitos duradouros sobre as formas de pensar o sertão e seus habitantes. O sertanejo euclidiano ultrapassa, portanto, o âmbito documental e se impõe como construção literária que condiciona, por décadas, a imaginação nacional.

Ao mapear os campos lexicais da força, do heroísmo e do pertencimento e interpretá-los como dispositivos discursivos e cognitivos, a análise indica que *Os Sertões* constrói o sertanejo linguisticamente como diferença estrutural no interior do projeto nacional, inscrevendo-o, por fim, numa posição de alteridade que o situa na periferia de uma narrativa de nação moderna.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, José de. *O Sertanejo*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1875.
- BALLY, Charles. *Traité de stylistique française*. Paris: Klincksieck, 1950.
- CALASANS, José. Os jagunços de Canudos. *Caravelle Cahiers du monde hispanique et luso-brésilien*, 15, 31-38. 1970. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/carav_0008-0152_1970_num_15_1_1772. Acesso em: 15 jul. 2026.
- CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas* [1572]. Lisboa: Instituto Camões, Ministério dos Negócios Estrangeiros, 2000.
- CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: CANDIDO, Antonio; ROSENFELD, Anatol; PRADO, Décio de Almeida; GOMES, Paulo Emílio Salles. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, p53-80, 2007.
- CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2010.
- CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Mogul Classics, 2015. Original publicado em 1902.
- CUNHA, Euclides da. *Os Sertões*. Disponível em: https://literaturabrasileira.ufsc.br/documentos/?action=download&id=108276&utm_source=chatgpt.com#terra%20IV. Acesso em: 15 jul. 2026.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metáforas de la vida cotidiana*. Madrid: Cátedra, colección Teorema, 1980.
- SEVCENKO, Nicolau. O outono dos césores e a primavera da história. *São Paulo: Revista USP*, n.54, p.30-37, julho/agosto 2002. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i54p30-37>. Disponível em: https://revistas.usp.br/revusp/pt_BR/article/view/35209. Acesso em 15 jul.2026.
- TAUNAY, Affonso d'Escragno. *História das Bandeiras Paulistas*, Tomo I. São Paulo: Edições Melhoramentos, p.5-10, 1924.
- TODOROV, Tzvetan. *La conquista dell'America. Il problema dell'“altro”*. Torino: Einaudi, 1982.
- TRABANT, Jürgen. *A linguagem, objeto de conhecimento: breve trajeto pela história das ideias linguísticas*. São Paulo: Parábola, 2021.
- VENTURA, Roberto. Um artífice da linguagem. Augusto e Haroldo de Campos estudam a poética de “Os Sertões”, de Euclides”. In: *Folha de S.Paulo*, 1997. Especial para a Folha. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs170823.htm>. Acesso em: 15 jul. 2026.

El lenguaje de la fuerza, del heroísmo y de la pertenencia: alteridad y construcción discursiva del sertanejo en *Os Sertões*

RESUMEN

Este artículo propone un análisis lingüístico y estilístico de *Os Sertões* (1902) con el objetivo de investigar cómo las elecciones léxicas y las estructuras metafóricas contribuyen a la construcción de la alteridad del sertanejo en el imaginario nacional brasileño. Partiendo de la idea de que el lenguaje no cumple una función meramente descriptiva, sino que opera como un dispositivo de producción de sentidos, el estudio examina los mecanismos discursivos que configuran al sertanejo como figura simultáneamente marginal y constitutiva del proyecto de nación. El análisis se organiza en torno a tres ejes temáticos: (i) el lenguaje de la fuerza, que asocia al sertanejo con las condiciones extremas del sertão; (ii) el lenguaje del heroísmo, que lo proyecta hacia una dimensión épica; y (iii) el lenguaje de la pertenencia, que lo integra al paisaje natural. Estos campos semánticos se interpretan como prácticas de denominación y clasificación que producen una representación compleja del sertanejo, en la cual el determinismo ambiental convive con un proceso de mitificación literaria. En este sentido, la alteridad se presenta como una construcción discursiva estructurada por el propio funcionamiento del léxico y por las redes metafóricas que organizan el texto. Inscrito en el campo de los estudios literarios y culturales, el trabajo adopta una perspectiva interdisciplinaria que articula estilística, teoría de la metáfora conceptual y análisis léxico, con el propósito de mostrar cómo el lenguaje contribuye a la consolidación de un modelo cultural de larga duración en el imaginario nacional brasileño.

PALABRAS CLAVE:

Euclides da Cunha
Sertão
Imaginário nacional
brasileño
Metáfora conceptual
Análisis léxico
Estilística

SUBMETIDO: 7 de março de 2026 | **ACEITO:** 23 de abril de 2026 | **PUBLICADO:** 31 de julho de 2026
© fólio – revista de letras 2026. Licença/Licence: [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)
